

35o. Encontro Anual da Anpocs

GT20 - Metamorfoses do rural contemporâneo

Título:

A Gente Compra umas Coisinhas: novos recursos econômicos e suas implicações nas práticas de consumo entre famílias da zona rural no sudoeste piauiense.

Autor: Antônio Mendes da Costa Braga.

Resumo:

A partir de dados obtidos em pesquisa sobre fluxos migratórios entre o interior do Piauí (microrregião de São Raimundo Nonato, sudoeste piauiense) e a cidade de São Paulo, SP, na presente comunicação procura-se analisar como, até que ponto e de que forma os recursos financeiros obtidos através do trabalho realizado em São Paulo e que, posteriormente, são enviados pelos migrantes aos seus familiares no interior do Piauí, são capazes de gerar mudanças nas práticas de consumo e nas formas de posses de bens entre aqueles que pertencem a esse mundo rural. Na presente análise procura-se levar em consideração não só esse dinheiro que é enviado, como também a importância do forte fluxo de mercadorias, de práticas de consumo e de valores e significados envolvidos. Considera-se igualmente a maior facilidade de acesso aos meios de comunicação e informação e à modalidades de transporte, assim como o acesso a novas formas de crédito e recursos financeiros (decorrentes principalmente de programas governamentais).

Palavras-chave:

Nordeste; fluxo migratório; consumo.

A Gente Compra umas Coisinhas: novos recursos econômicos e suas implicações nas práticas de consumo entre famílias da zona rural no sudoeste piauiense.

Antônio Mendes da Costa Braga
(DSA-FFC-Unesp,SP)

*Os bens são neutros, seus usos são
sociais; podem ser usados como
cercas ou como pontes.*

Mary Douglas e Baron Isherwood, 2004, p. 36.

SOBRE A PESQUISA:

Ao longo dos últimos dois anos desenvolvo – a partir de uma perspectiva antropológica - pesquisa junto a piauienses que residem ou deslocam-se intermitentemente entre a cidade de São Paulo (capital do estado brasileiro que leva esses mesmo nome) e a microrregião de São Raimundo Nonato, no sudoeste do Piauí, estado da região Nordeste do Brasil¹.

Quanto à maioria das pessoas que estão inseridas no universo pesquisado, ou elas residem em São Paulo, ou deslocam-se intermitentemente entre esta metrópole e a microrregião de São Raimundo. E no caso dessa pesquisa, o interesse maior é por essas últimas. E isto porque se trata de uma investigação sobre fluxos e contra-fluxos

¹ Esta comunicação está inserida e foi elaborada a partir dos resultados já obtidos pelo projeto de pesquisa **"Fluxos e contra-Fluxos entre o Nordeste e São Paulo e São Paulo e o Nordeste: redes de sociabilidade, pertencimentos e identidades (Um estudo de caso entre e a partir do bairro de São Miguel Paulista - São Paulo-SP - e a micro-região de São Raimundo Nonato-PI)"**, por mim desenvolvido. Venho realizando essa pesquisa em torno/a partir de três lugares específicos: (1) No bairro de São Miguel Paulista (São Paulo-SP), a partir da Empresa Elias Turismo e Transporte Ltda., que realiza transporte de mercadoria, venda de passagens e fretamento de ônibus que se deslocam entre a capital paulista e a microrregião de São Raimundo Nonato, no Estado do Piauí; (2) Em ônibus que vão e vem para São Paulo através dos serviços prestados pela agência de Seu Elias, proprietário da referida empresa; (3) Na micro-região piauiense de São Raimundo Nonato, seja na sua área urbana, mas sobretudo nas áreas rurais, onde residem a maior parte dos migrantes que se utilizam dos serviços da empresa de Elias Elias e Turismo Ltda.

migratórios entre a cidade de São Paulo e o Nordeste do Brasil.

No que se refere a esse interesse maior por aqueles que se deslocam de forma irregular, mas contínua, entre o Piauí e São Paulo e São Paulo e o Piauí, o ponto de partida é o pressuposto de que nos dias de hoje a migração não se restringe mais ao fenômeno pautado apenas pela lógica do emigrar/imigrar, mas também por um ir e vir onde o migrante reside um período variável em São Paulo - na maioria das vezes por motivações econômicas (Durham, 1978. Garcia Jr., 1989), mas não exclusivamente² - e outro no Piauí - que vem a ser o lugar que ele usualmente identifica como sendo o seu verdadeiro local de residência.

Estamos falando, portanto, de um tipo de migrante em fluxo que efetivamente não deixa sua terra de origem, mas que vive num ir e voltar entre o Nordeste e São Paulo. Um tipo de migrante que, cabe evidenciar, difere dos migrantes dependentes dos mercados de trabalho agrícolas sazonais - como o da lavoura canavieira em São Paulo (Menezes, 2002) -, posto que tende a ter uma relativa maior flexibilidade de possibilidades de deslocamentos, quando comparado a esses últimos.

Especificamente no que tange aos migrantes abordados nessa pesquisa, esses são na maioria de origem rural (residem em pequenos povoados de pequenos municípios da micro-região de São Raimundo Nonato, PI) e migram temporariamente para cidade de São Paulo. Ou seja, deslocam-se de zonas rurais do interior nordestino para uma das maiores metrópoles do mundo.

Estamos, portanto, tratando *a priori*, de pessoas que transitam entre universos bem distintos: de um lado contextos especificamente rurais (pequenos povoados no interior do Piauí), de outro um contexto intensamente urbano (a cidade de São Paulo).

É importante esclarecer, antes de seguir para os argumentos centrais desta comunicação, que não está se negligenciando aqui o fato de que uma ampla literatura acadêmica já se distanciou de perspectivas que tratam o rural e o urbano como espaços antagônicos, fundamentalmente distintos. Desde os trabalhos pioneiros de Robert Redfiel nos anos 50 - quando desenvolve a clássica noção de *continuum* rural-urbano -, passando pelas novas perspectivas que Ray Pahl formula nos anos 60, quando busca

2 Considerando o que foi constatado durante a pesquisa (e que vai de encontro ao constatado em outros trabalhos e pesquisas, como o de Afrânio Garcia Junior, 1989) a motivação econômica destaca-se no deslocamento e na motivação para emigrar para São Paulo. Contudo, é possível identificar outros motivos, como por exemplo, motivações afetivas (visitas a parentes e manutenção de vínculos e redes de relações familiares) e busca por tratamentos de saúde.

superar elementos deterministas presentes na noção original de *continuum* (Carmo, 2009), a literatura acadêmica tende a assumir esta perspectiva de continuidade e não antagonismo entre espaços rurais e urbanos.

Contudo, nessa pesquisa, estou tratando dessa relação de continuidade numa perspectiva um pouco diferente da que se desenvolve e se desdobra a partir da noção clássica formulada por Redfield. Menos focado nas diferenciações e continuidades entre esses espaços, estou mais focado nos agentes sociais (migrantes em fluxo e contra-fluxo migratório) que transitam continuamente entre esses dois espaços e que – por consequência – contribuem para estabelecer e fortalecer vínculos e trânsito materiais, culturais, sociais e afetivos entre dois lugares que para eles lhes são caros: sua terra de origem, no interior do Piauí, e a cidade de São Paulo.

Para estabelecer essa diferenciação é preciso considerar que estou pensando *espaços* e *lugares* como duas categorias com significados diferentes (Trajano Filho, 2010). Ou, noutros termos, assumo uma perspectiva antropológica e reconheço por um lado que há uma relação de continuidade entre esses *espaços* (os pequenos povoados do interior do sudoeste piauiense – rural - e a cidade de São Paulo – urbano-) e que, por outro, estamos tratando de *lugares* distintos – ou melhor, percebidos como diferentes pelos próprios migrantes.

Tal percepção foi se formulando ao me dar conta de que, ao levar em consideração as percepções colhidas entre os migrantes sobre o “Piauí” e “São Paulo”, suas falas indicavam que eles compreendiam esses como lugares distintos. São lugares (Augé, 2008) aos quais eles atribuíam significados diferentes, possibilidades de viver que são diferentes. E que, portanto, são passíveis de serem apreendidos concreta e interpretativamente a partir de leituras distintas. Em suma, são lugares passíveis de diferenciações: não foram poucas as situações nas quais, durante a pesquisa, os migrantes manifestaram a percepção de que um lugar é o “Piauí” e que outro lugar é “São Paulo”.

Da mesma forma, na perspectiva do pesquisador no exercício do trabalho empírico (e aqui estou me referindo a mim mesmo), evidenciou-se esta distinção significativa entre “o Piauí” e “São Paulo”, como lugares distintos, ainda que conectados, vinculados e amarrados entre si pelos próprios migrantes, pelos vínculos que ligam “os daqui com os de lá”. E digo isto porque, tendo inicialmente entrado em

contato e visto as vidas desses migrantes em São Paulo, e posteriormente ter conhecido pequenos povoados do sudoeste piauiense, não foi muito difícil estabelecer certa compreensão sobre como e porque o “Piauí” e “São Paulo” são lugares diferentes.

Chamo a atenção para o fato de que nos últimos parágrafos acima passei a usar “Piauí” e “São Paulo” entre aspas. Assim o fiz porque essas são expressões comuns entre os migrantes. Expressões que assumem caráter distintivo na identificação desses lugares. Percebi que quando falavam “o Piauí”, “lá no Piauí”, “São Paulo”, “lá em São Paulo”, estavam usualmente nominando lugares diferentes. Dei-me conta de que havia ali distinções nominais, de tal forma que quando falavam de um ou outro lugar se remetiam tanto a experiências, situações, formas de viver, recursos, situações concretas passíveis de apresentarem claras distinções entre si, quanto à paisagem, as configurações espaciais específicas de cada lugar. No caso daquilo que eles denominavam “Piauí”, por exemplo, trata-se quase sempre de um tipo de vida no “interior”, isto é, da vida levada em pequenos povoados ou pequenas propriedades rurais (a “roça”), concebidas como seus lugares de origem. E que são, devemos observar, um contexto claramente rural. Já quando recorriam a “São Paulo” muitas vezes suas falas apontavam para a impressão de que estavam se referindo a uma realidade mais difusa, a qual estavam vinculados, mas não identificados (em termos comparativos). Uma cidade de São Paulo concebida como metrópole, grande, ampla em tamanho e possibilidades.

Se estou considerando que para os migrantes “o Piauí” e “São Paulo” são lugares diferentes, não significa dizer que para eles estes sejam lugares independentes, desconectados um do outro. Um dos pontos centrais do argumento que estou propondo é o de que há – para os migrantes - uma conexão entre esses lugares. Para esses migrantes “o Piauí” e “São Paulo” fazem partes de suas vidas. Há, portanto, o que os vincula ao “aqui” e ao “lá”, ao “Piauí” e a “São Paulo”. E, igualmente, existem os “seus” (familiares, parentes, amigos) “daqui e de lá”. E esses migrantes são, justamente, agentes chaves para o vínculo entre esses dois lugares, para a promoção de determinadas mudanças ocorridas no contexto de origem (Piauí) e para a conservação das estruturas sociais que mantém unidos os “piauienses do Piauí” e os “piauienses de São Paulo”.

E isso ocorre dentre outros motivos porque, ao deslocarem-se no espaço (ao realizar o fluxo e contra-fluxo migratório) entre o interior do Piauí e São Paulo e São Paulo e o interior do Piauí, eles acionam e movimentam a si próprios, aos vínculos que

ligam os “piauienses daqui com os de lá”, através do movimento de si, de mercadorias, notícias, de afetos e vínculos sociais. E nesse movimento – que em uma boa parte é efetivamente um movimento no espaço – eles aproximam esses dois lugares que lhe são caros e são caros aos seus “daqui e de lá”: “o Piauí” e “São Paulo”.

Se nessa minha pesquisa estou concebendo que há uma relação de continuidade entre esses espaços e lugares distintos (continuidade que, como já coloquei, é pensada mais a partir dos migrantes do que a partir da noção de *continuum* que se desenvolve a partir dos estudos de Robert Redfield), nesta comunicação me interessa, em específico, por em evidência que os migrantes que se deslocam continuamente, num movimento de ir-e-vir, entre a microrregião de São Raimundo Nonato e a cidade de São Paulo, são um dos principais agentes e parte fundamental de muitos dos aspectos e processos que vinculam certas experiências urbanas de e em São Paulo ao interior rural do sudoeste piauiense, à microrregião de São Raimundo Nonato. O que implica considerar que nesse trânsito, neste fluxo e contra-fluxo, eles terminam sendo importantes mobilizadores das novidades que “vem daqui e de lá”.

Isto se relaciona, em parte, a uma certa percepção do migrante de que São Paulo é uma “terra de novidades”, notadamente no que se refere às novas práticas de consumo, às “novas modas”. Nessa perspectiva podemos observar, por exemplo, que no fluxo São Paulo-Piauí eles costumam levar “novidades” para sua terra de origem. E isso se observa principalmente em bens de consumo material e que denotem sucesso no empreendimento migratório (Braga, 2011). Uma moto nova, por exemplo, último modelo a ter sido lançado, é um bem de consumo muito valorizado. E ela – ao ser enviada para o Piauí – pode ser tomada tanto como símbolo do sucesso do período que o migrante passou em São Paulo, quanto pode simbolizar que ele está atualizado e conectado com o que há de novidade.

Se cito a moto como exemplo é porque ela é um dos bens de consumo mais valorizados pelo migrante, notadamente do sexo masculino. Mas os bens materiais que simbolizam sucesso e conexão com as “novidades” de São Paulo podem ter um valor pecuniário bem menor e variar muito. E se a moto representa – simbólica e efetivamente – o que há de mais caro que o sucesso no empreendimento migratório pode comprar³, no

3 O envio de motos é relativamente comum. Na empresa Elias Transporte e Turismo Ltda. obtive informação de que existem, contudo, casos raros onde carros também são enviados. Mas esses envios são realmente raros. No que se refere à bens de consumo de maior valor o mais comum é o envio de

outro extremo, e não menos valorizadas estão roupas e sapatos. Assim como no meio deste gradiente estão aparelhos celulares, máquinas digitais, dentro outros. Quanto as roupas, vale salientar, são muito valorizadas quando agregam valores simbólicos tais como serem de uma marca conhecida, serem “a última moda”, a “última novidade”.

Esse princípio de que os bens que se levam de São Paulo para o Piauí devem ser “novidades”, que São Paulo é a “terra das novidades”, podem nos induzir a pensar numa dualidade no tipo “novo X antigo” entre São Paulo e o interior do Piauí. Porém isso não corresponde exatamente à realidade.

Se, por um lado e de fato os estilos e possibilidades de vida que o migrante leva num e noutro lugar são até certo ponto diferentes (podemos citar aqui como um dos fatores diferenciadores o fato de que há uma circulação de riquezas em São Paulo que é muito maior que no interior do Piauí. Tanto que, a motivação econômica destaca-se entre aquelas que motivam os fluxos migratórios), por outro, o fato de estar no Piauí não significa que ele está desconectado das “novidades”. Os meios de comunicação e informação, por exemplo, como antenas parabólicas e celular, são relativamente acessíveis e vem se propagando rapidamente. Já a internet pode ser acessada em locais específicos, nas cidades da microrregião (prática que vem se tornando comum para os mais jovens). Motos, bens de consumo durável, tais como eletrodomésticos e eletroeletrônicos, e as tendências atuais de roupas e sapatos podem ser comprados em lojas como Armazém Paraíba e em loja multimarcas na cidade de São Raimundo Nonato. Em suma, não é exatamente necessário que esse tipo de mercadoria seja trazida de São Paulo pelos migrantes, se considerarmos que muito pode ser comprado no próprio Piauí.

Porém, como coloca Mary Douglas e Baron Isherwood (2004) na epígrafe no início desta comunicação, “*os bens são neutros, seus usos são sociais: podem ser usadas como cercas ou como pontes*”. E, nesta perspectiva, podemos considerar os bens que os migrantes levam de São Paulo para o Piauí funcionam como pontes. Eles também são importantes no processo de constituição de vínculos entre as experiências “daqui e de lá”, ligando e representando (em boa medida idealisticamente) o que o migrante viveu em São Paulo com e no seu local de origem no Piauí. Eles também são importantes como definidores de vínculos entre os que estão “lá e cá”, como é o caso

motos, moveis, T.Vs, produtos de linha branca.

das encomendas que são mandadas de um lugar para o outro.

Se tomarmos, como estou sugerindo aqui, que os bens levados de São Paulo para o Piauí são representações do que o migrante viveu em São Paulo, podemos igualmente considerar que os mesmos tendem a forjar uma idealização da experiência vivida em São Paulo. Ou seja, tendem a por em evidência e a maximizar o sucesso do empreendimento migratório, quando não mesmo minimizar algum tipo de insucesso. Daí porque muitas vezes a questão mais relevante não é se aquilo pode ou não pode ser comprado no Piauí. A questão é muito mais poder mostrar quão positivo, bom, proveitoso e vitorioso foi o tempo gasto em São Paulo trabalhando.

Não podemos esquecer que um empreendimento migratório – mesmo um de curta duração, onde a volta já está definida – implica em sacrifícios. Tanto para o migrante, quando para seus familiares: na maioria das vezes ele tem de deixar filhos e esposa, ou os pais, cuidando sozinhos da roça; ele e os seus que ficaram no Piauí devem lidar com os distanciamentos afetivos e intervalos de ausência de notícias de seus entes queridos; ele tem de depender de ajuda de parentes em São Paulo; as condições de moradia em São Paulo nem sempre são as ideais; ele tem de estar atento ao dinheiro ganho a fim de que seus gastos permitam levar um bom dinheiro para o Piauí

O empreendimento migratório deve ser, portanto, algo que valha a pena tanto para o migrante quanto para seus familiares. E essa valer à pena depende muito do quanto ele ganhou em São Paulo, do quanto ele conseguiu para melhorar suas condições de vida no Piauí, do quanto de tempo o dinheiro ganho em São Paulo permitirá que ele fique no Piauí sem precisar voltar para São Paulo.

Mas esse sucesso do empreendimento não é algo que se materializa apenas nas necessidades do dia a dia. Ele se materializa também no que se trás de São Paulo. E, nesta perspectiva, os bens trazidos de São Paulo se revestem de um sentido simbólico, podendo ser tomados como um indicador de sucesso do empreendimento migratório.

Se os produtos agregam um valor de uso e um valor de troca, também agregam um valor simbólico. O princípio é o de que, através deles, podem ser identificados sinais que apontam se o migrante logrou ou não sucesso, se valeu ou não valeu a pena o empreendimento. E como o migrante é o principal ator e autor desse seu empreendimento, ele busca inscrever nos bens trazidos de São Paulo sinais que, justamente, apontem para uma idéia de que o período gasto em São Paulo foi bem

sucedido. Daí porque estou colocando que o migrante tende, através dos bens que ele leva de São Paulo para o Piauí, a idealizar o período que ele passou em São Paulo.

Esses bens, como já foi dito, também são importantes para estabelecer vínculos entre os “daqui e os de lá”. Algo que fica evidente principalmente nas encomendas que os migrantes em fluxo levam de um lugar para o outro. Como coloca Andréa Lobo em seu estudo sobre migrantes cabo-verdianos (e que é perfeitamente válido para o caso aqui analisado), os fluxos de objetos e informações entre migrantes “daqui e de lá” movimentam as relações entre esses migrantes, seus parentes e amigos,

e emanam valores importantes, como a reciprocidade, a solidariedade e a responsabilidade. Além destes, são igualmente importantes os campos de tensões, de negociações e de tomadas de decisões construídos por intermédio das trocas, campos estes que alimentam nos envolvidos um sentimento de pertencimento. (Lobo, 2010, p. 31)

Os bens que são levados de São Paulo para o Piauí – e também os que são levados do Piauí para São Paulo, só que com características, sentidos e significados diferentes (Braga, 2011) – devem ser, portanto, também considerados nessas suas particularidades: constroem pontes, definem e alimentam alianças e vínculos, relações de pertencimento, hierarquizam valores, representam indiretamente experiências vividas.

E numa posição relevante desse processo estão os migrantes em fluxos e contra-fluxos migratórios.

MIGRANTES E FLUXOS E CONTRA-FLUXOS MIGRATÓRIOS

Quando analisamos os deslocamentos migratórios de nordestinos para São Paulo a partir de uma perspectiva sócio-histórica é possível perceber que a partir da década de trinta, no século XX, começaram a ocorrer os primeiros grandes fluxos de emigração nordestina para o estado de São Paulo. Essa migração, por sua vez, estava

atrelada ao processo de reorganização do setor agro-exportado paulista. Ou seja, num primeiro momento os fluxos migratórios de nordestinos para São Paulo obedeciam um sentido rural-rural para, com o passar do tempo, ir assumindo um sentido rural-urbano (Paiva, 2004).

Se na década de trinta o sentido do movimento migratório era rural-rural, com o passar do tempo foi se desenvolvendo um sentido de deslocamento rural-urbano, que já a partir da década de 50 marcou de forma indelével a presença do migrante nordestino na cidade de São Paulo.

Esse fluxo migratório nordestino para São Paulo e a presença desses nesta cidade estavam, por sua vez, vinculados ao processo de formação de uma sociedade urbano-industrial no Brasil. Processo este dentro do qual o desenvolvimento urbano e industrial da capital paulista passou a ocupar um papel de destaque e que a converteu na principal cidade brasileira a receber grandes levas de imigrantes, como era o caso daqueles provenientes do Nordeste brasileiro (Silva, 2009).

Nessa passagem de um fluxo migratório do Nordeste para São Paulo de sentido rural-rural para outro de sentido rural-urbano ocorreu, ao longo da segunda metade do século XX, um processo de deslocamento intenso de emigrantes de áreas rurais nordestinas em direção à metrópole paulistana e seu entorno, sua periferia (Paiva, 2009). Sendo este um processo definidor de uma presença marcante, atuante e visível dos nordestinos na cidade de São Paulo, tornando-os parte relevante do que constituiu e constituiu esta metrópole enquanto tal (Weffort, 1988).

Se a presença nordestina em São Paulo tornou-se marcante e relevante (seja em termos quantitativos, quanto qualitativos), isto resultou num outro aspecto, que é desdobramento deste: são muitos aqueles que, nos dias de hoje, tem “parentes” “lá e cá”. São muitos aqueles cujas redes de relações sociais e familiares (Barnes, 1987) estão presentes tanto no Nordeste, quanto na cidade de São Paulo.

Noutros textos trato mais detalhadamente dessas redes de relações familiares que se estendem entre o interior do Nordeste (microrregião de São Raimundo Nonato, PI) e a cidade de São Paulo, SP (Braga, 2010 e 2011). Nesta comunicação, de forma mais específica, quero chamar a atenção para o fato de que essas redes de relações sociais e familiares não só estão “lá e cá” como – o que é mais relevante – se entrecruzam e/ou estendem-se de um lugar a outro. E se, por um lado, há uma distância

física, geográfica, espacial entre o interior do Piauí e a cidade de São Paulo existem vínculos e certos tipos de proximidades que são geradas e alimentadas por essas redes.

Uma das formas empíricas mais contundentes de constatar a existência dessas redes e de como elas se cruzam e se estende entre o Piauí e São Paulo é através dos migrantes que se deslocam – numa via de mão dupla - entre o interior piauiense e a capital paulista: quando esse migrante chega a São Paulo e ali ele entra em contato com aqueles que são seus parentes ou familiares, é grande a probabilidade de que ele terá garantido um lugar para o acolher e alguém para o auxiliar em suas demandas ou necessidades. Ele terá, por exemplo, acesso a uma rede de relações sociais que em algum ponto e em algum momento vai possibilitar que ele consiga um serviço remunerado. Isto porque o migrante piauiense, ao vir para São Paulo, quase sempre já vem certo de poder acionar algum tipo de relação familiar, de parentesco (irmão, irmã, tio, tia, primo, padrinho), de compadrio, ou amizade relativas aos vínculos vicinais de origem. O migrante já vem inserido dentro de uma lógica e prática relacional dentro da qual ele sabe que – na medida em que é parte de uma determinada rede de relações, ele não fica desamparado, pois “sempre tem um lugar para dormir e para comer”.

Como coloquei noutro texto (Braga, 2011), na medida em que são partes dessas redes, esses migrantes estão moralmente vinculados à dinâmica do “dar-receber-retribuir”, que caracteriza aquilo que Marcel Mauss denominou como *sistemas de prestações totais e agonísticos* (Mauss, 2003). E isso se manifesta a partir, por exemplo, do princípio de que o migrante já estabelecido deve ajudar àquele que chega, assim como um dia ele foi ajudado por aquele que o antecedeu, assim como aquele que está chegando ajudará aquele que vem depois. Isto num movimento que se assemelha muito a uma espiral, onde papéis vão se invertendo e indivíduos vão mudando de posição em relação a esses papéis.

Esses atos de *dar* (*ajudar*) que são tão marcantes e perceptíveis nesta dinâmica não são, contudo, atos exclusivamente altruístas. Muito próximo à dinâmica apontado por Marcel Mauss em *Ensaio sobre a Dádiva* – o nosso caso está muito próximo daquilo que escreve Marcos Lanna, ao falar do princípio da *dádiva* em Mauss:

Tão próximo da ideologia da generosidade e do altruísmo, o ato de dar, mostra-nos Mauss, não é um ato desinteressado. O ato de

dar pode assim se associar em maior ou menor grau a uma ideologia da generosidade, mas não existe a dádiva sem a expectativa de retribuição.

Para Mauss, a dádiva é um ato simultaneamente espontâneo e obrigatório. O estudo da dádiva permitiria à sociologia a superação relativa de dualidades profundas do pensamento ocidental, entre espontaneidade e obrigatoriedade, entre interesse e altruísmo, egoísmo e solidariedade, entre outras. (Lanna, 2000, p. 176)

Neste ponto devemos considerar também a leitura que Levi-Strauss (2009) faz a cerca do princípio da *dádiva* em Mauss, quando ele sinaliza que esse compromisso de “dar-receber-retribuir” é instaurador do social. Ou, no nosso caso, do vínculo sócio-moral e afetivo que torna a relação desses migrantes piauienses entre si (estejam no Piauí ou em São Paulo) algo tão relevante para eles, que ao mesmo tempo em que os vincula entre si, aproxima esses dois lugares espacialmente distantes.

No caso aqui analisado essa proximidade que é gerada é algo que se realiza de forma muito concreta. E isso pode ser constatado através do intenso movimento de ir e vir de migrantes entre o entre a microrregião de São Raimundo Nonato e a cidade de São Paulo. Um movimento migratório que não implica obrigatoriamente em vir definitivamente para São Paulo, nem voltar definitivamente para o Nordeste. Pois, como já foi dito, muitos são aqueles que passam um período em São Paulo, voltam para o Piauí, ficam um período no Piauí, voltam para São Paulo, e assim por diante.

Esse movimento migratório de mão dupla, de fluxo e contra-fluxo de migrantes não é, entretanto, apenas um movimento de pessoas. Neles, como já vimos anteriormente, são operados também fluxos e contra-fluxos de mercadorias, coisas, notícias, informações, hábitos e práticas culturais, assim como a difusão e uso de novas tecnologias de comunicação e informação (telefonia fixa e móvel, internet).

É uma proximidade que ao ser gerada produz trocas. Trocas não só materiais, quanto simbólicas, morais, relativas a valores e formas de viver. Trocas que geram mudanças, transformações, mas que também envolvem o esforço de conservar aquilo que se deseja ou se julga – consciente ou inconscientemente – importante de ser

conservado.

No caso específico desta comunicação, tendo em vista a proposta original do texto, o objetivo é refletir sobre os fluxos e contra-fluxos migratórios motivados originalmente por questões econômicas e aquilo que é mobilizado por esses migrantes que se deslocam entre o interior do Piauí e a cidade de São Paulo.

Julgo importante chamar a atenção para algo que diz respeito ao contexto mais amplo do debate onde se insere esta comunicação: esses migrantes – enquanto agentes sociais a se moverem entre esse “lá e cá” - apontam para novas possibilidades de reflexão relativas ao esforço de superação do antagonismo campo-cidade, rural-urbano. E isso passa, como já vimos, pelo fato deles agirem e interagirem entre esses dois tipos de universos, o rural e o urbano. Parte do ano eles estão imersos na vida rural, levando suas vidas num pequeno povoado do Piauí. Noutra parte estão vivendo em São Paulo, na metrópole, na urbe. Trate-se, portanto, de casos concretos de situações onde a princípio não existe antagonismo entre o rural e o urbano, ainda que existam contradições e tensões.

A seguir concluo a comunicação com uma breve análise de determinadas mudanças sócio-políticas, econômicas e culturais recentes presentes no universo desses migrantes.

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO CONTEXTO DOS MIGRANTES

Como vimos no tópico acima, uma das principais características dos fluxos migratórios ocorridos no Brasil ao longo do século XX foi o de serem movimentos de emigração-imigração, seja num primeiro momento no sentido rural-rural, depois num sentido rural-urbano (e, até certo ponto, urbano-rural, quando considerados casos de migração de retorno).

Também vimos ao longo desta comunicação que, entre o final do século XX e esse início do século XXI soma-se e esses tipos de fluxos citados acima um novo tipo de fluxo migratório. São fluxos que, ao invés de obedecerem a uma lógica do “emigrar do campo para a cidade” ou ser um “imigrante na cidade” (neste caso, quando ela é vista como ponto de chegada dos processos migratórios), são marcados por um ir e vir de

indivíduos que tanto se reconhecem como pertencentes a um ambiente rural, quanto sentem-se familiarizados com o ambiente urbano (e, em certa medida, integrados no mesmo).

Um dos pontos que estou considerando nesta comunicação é justamente o de que um dos papéis mais relevantes desses migrantes é serem agentes de um processo tanto de superação de antagonismos, quanto de aproximação de realidades que já foram compreendidas como dispares: o rural e o urbano.

E parte do esforço contido nesta comunicação é o de apontar para a relevância desse agentes nesse processo de superação de antagonismo entre o rural e o urbano através de seus fluxos migratórios. Consideração esta que tem por base empírica a pesquisa que venho desenvolvendo junto a migrantes da microrregião de São Raimundo Nonato, PI, que vivem ou se deslocam entre o Piauí e a cidade de São Paulo, SP.

Como igualmente já coloquei – e que é parte importante do argumento –, considero que os fluxos (e contra-fluxos) migratórios em questão não implicam apenas num deslocamento e num ir e vir de pessoas, mas também numa troca intensa de mercadorias, notícias, informações, hábitos, práticas e valores culturais entre o interior piauienses e a metrópole paulistana.

Esses migrantes (principalmente os do gênero masculino, jovens e adultos - mas não exclusivamente.), portanto, tendem a realizar esses tipos de deslocamentos entre o interior do Piauí (seu local de origem) e a metrópole paulistana (onde estão vinculados principalmente em virtude de suas redes sociais familiares) levando e trazendo vínculos, hábitos, valores e práticas de um lugar para o outro. O que implica – como vimos anteriormente - considerar certas práticas de consumo como importantes veículos de aproximação entre esses universos outrora tidos como antagônicos.

Outro aspecto a ser realçado nesta comunicação é que esse tipo de modalidade migratória (de fluxo e contra-fluxo) tem relações com mudanças que foram ocorrendo ao longo das décadas e que se acentuaram nos últimos anos. Logo, se elas se tornaram possíveis é porque, por exemplo, ocorreram mudanças nos meios de transporte (que se tornaram mais acessíveis), há presença de parentes já consolidados e com raízes em São Paulo que tornaram essa cidade mais familiar e acessível, as condições econômicas e de subsistência no interior do Piauí não obrigam mais a uma migração definitiva.

No que se refere às transformações nas condições econômicas e de subsistência

que vem ocorrendo nas áreas rurais dessa microrregião, alguns dos fatores que vem provocando mudanças ao longo dos últimos anos são a aposentadoria rural (que reposiciona idosos e seus papéis nas relações socioeconômicas intra-familiares e em relação ao mercado local) e os programas de inclusão social e transferência de renda do governo federal (com destaque para o bolsa família para o crédito rural).

Se não muda radicalmente as estruturas sócio-econômicas locais, esses fatores vêm procurando importantes mudanças, de claro impacto socioeconômico. E que são percebidos e apontados pelos próprios migrantes.

Em entrevistas formais e informais com migrantes do universo pesquisado, foi quase o unânime o discurso de que a “vida melhorou no Piauí”, e que por isso não se sentem mais obrigados a necessariamente migrarem para São Paulo.

Estabelecendo uma interpretação para parte do conteúdo dessas entrevistas, é como se para eles o que motivava outrora a migração era a necessidade de sobrevivência. Agora é o desejo da vida melhorar, “ter mais umas coisinhas”.

Alguns dos entrevistados com melhor posição econômica e que vivem nas áreas urbanas dos municípios pesquisados⁴ chegaram a comentar que “agora o povo não aceita qualquer trabalho, prefere ficar com o dinheirinho do governo. Agora para qualquer serviço cobram caro”.

Uma consequência disso é que o dinheiro que o migrante de fluxo e contra-fluxo obtêm em São Paulo passa a ser efetivamente - quando bem administrado – uma oportunidade para aumentar e melhorar o pequeno patrimônio: construir uma casa, aumentar a criação de bode, comprar ou trocar moto, comprar mais um pedaço de terra, colocar televisão e casa, comprar um sofá

Esse fenômeno do dinheiro ganho em São Paulo servir para aumentar o patrimônio já foi percebido por outros pesquisadores, como Garcia Junior (1989) e Menezes (2002). Talvez um dos pontos de novidade aqui é a maior margem para esse tipo de investimento no patrimônio, na medida em que o dinheiro vindo dos programas governamentais suprem uma parte significativa das necessidades materiais básicas que comprometiam outrora o dinheiro ganho no processo migratório.

Além disso, como já foi dito, a aposentadoria rural passou a ter grande impacto

4 Estou me referindo especificamente ao município de São Raimundo Nonato e ao de Fartura do Piauí, PI.

nas famílias das áreas rurais da região pesquisada. Primeiramente porque, como já foi dito, o idoso passa a ser uma figura importante para a vida econômica dessas famílias. Em situações de adversidade econômica a sua aposentadoria é a principal fonte de renda da família. As aposentadorias rurais são também um importante mecanismo de circulação de riquezas num contexto em que os mercados locais são de proporções reduzidas. E como eles têm essa renda fixa, os filhos que estão trabalhando em São Paulo podem diminuir (estimulados pelos próprios genitores) uma prática comum e importante nas suas relações com aqueles que ficam no Piauí, que é a obrigação de mandar dinheiro para os pais.

Durante a pesquisa também foi possível observar os fatores que vem tendo impacto sobre a vida cotidiana, as práticas de consumo e as relações sociais no contexto pesquisado: o programa governamental “Luz para Todos” e a ampliação do serviço de telefonia móvel.

Ainda que não tenha chegado todas as áreas rurais aonde vem se dando esta pesquisa, é perceptível que o “Luz para Todos” vem gerando mudanças na vida das famílias atingidas pelo mesmo. Um primeiro impacto é a obtenção de bens de consumo duráveis, eletrodomésticos tais como geladeira e liquidificador. Outro é a televisão, que tanto possibilita o acesso a informações, programas televisivos de lazer e entretenimento, quanto às publicidades de bens de consumo dos mais diferentes tipos.

Sobre a televisão, outro aspecto que uma das minhas informantes me chamou a atenção, e merece ser observado é que na medida em que uma família coloca uma televisão na sua casa, ela se sente motivada a comprar um sofá. Um sofá para assistir televisão.

O sofá, via de regra, não é um móvel comum na casa dessas famílias sertanejas. O número de moveis, tradicionalmente, são bem reduzidos quando comparados, por exemplo, aos das famílias da área urbana. Porém, segunda essa informante, aos poucos, com a chegada da televisão em casa e conforme vão melhorando de vida, essas famílias vão adquirindo novas necessidades em termos de mobiliário doméstico.

Por fim, na região pesquisada, vem se ampliando a rede de telefonia móvel. Subseqüentemente, isso vem provocando nas áreas que são atingidas por essa ampliação uma diminuição do isolamento efetivo de muitas famílias. Seja entre si, no contexto do território rural específico onde vivem. Seja em relação ao acesso a certos benefícios

sociais, como o SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência), de responsabilidade do governo. Seja no contato com familiares e parentes que moram, por exemplo, em São Paulo.

A informante citada anteriormente, que mora em São Paulo, me contou que neste ano de 2011 foi a primeira vez que ela conseguiu falar com sua avó no dia do aniversário da mesma. Isto porque o sinal de celular chegou à casa de sua avó. Agora, toda semana liga para sua avó, tem notícias, dá notícias. Viu nisso motivo de muita alegria a sensação de que sua avó agora está mais perto dela.

As motos são igualmente outro fator que vem reconfigurando as noções de distância e isolamento nessas áreas rurais. Mais de uma vez escutei entrevistados falando que “as motos estão aposentando os jumentos”⁵. Muito populares, relativamente baratas e econômicas, tornou-se um meio de transporte comum às famílias sertanejas. Em decorrência da sua resistência nas estradas de terra que ligam um povoado a outro e às áreas urbanas, dando o acesso a lugares onde carros não chegam, pelas facilidades de deslocamentos geradas, a moto tornou-se o meio de transporte mais comum e mais acessível. E em decorrência disso vem diminuindo as percepções de distância entre a população local e facilitando a comunicação entre elas, com claros impactos nas noções e usos do tempo.

O papel desempenhado pelos migrantes de fluxo e contra-fluxo tratados nesta comunicação, somado a essas transformações citadas acima - que em boa medida são decorrentes de mudanças sócio-econômicas -, significam não só um relativo aumento (relativo muitas vezes às precariedades econômicas de outrora) do poder de consumo, maior acesso a novos bens de consumo e serviços e o surgimento de novas práticas de consumos no contexto pesquisado, mas apontam também para mudanças sócio-culturais importantes nessas áreas rurais do interior do Piauí.

Devemos considerar, contudo, que essas mudanças sócio-culturais não ocorrem de uma hora para outra. Mudanças sócio-culturais tendem a ser mais lentas que mudanças socioeconômicas, materiais. Isso porque os indivíduos inseridos e inter-relacionados em contextos específicos tendem a negociar, incorporar e resignificar crenças, práticas e valores, buscando definir quais são as crenças, práticas e valores que

5 De fato o problema de jumentos vem se ampliando não só no Piauí, mas também em outros estados nordestinos.

vão efetivamente ser incorporados, que vão permanecer, quais vão ser abandonados.

E esse processo é lento, não obedece uma mão única, tem imprevisibilidades. Em boa medida é operado de forma inconsciente pelos atores envolvidos. Atores que ora são sujeitos, ora agentes desses processos. Somando-se a isso outras questões que dizem respeito, por exemplo, à como vão ficar os papéis sociais dentro das novas configurações. E aí entram questões relativas aos recortes de geração, gênero, posição social, estrutura familiar.

Trata-se de um lento processo aonde continuamente vai sendo definido o “que deve permanecer e o que pode mudar”, até onde deve ir o novo e o que deve ser preservado como tradição.

Considerando os dados até aqui obtidos por minha pesquisa, percebo que no contexto empírico que venho trabalhando há uma importante valorização de movimentos que garantam a manutenção das famílias, seus vínculos e suas redes de relações, seus grupos, suas respectivas comunidades.

As contradições desses processos explicitam-se muitas vezes ao longo da pesquisa. As tensões igualmente são partes da mesma. Assim como processos e ações em busca de harmonizações e troca de interesses. Dinâmicas onde não só se dá, não só se recebe, mas se espera que exista retribuição. Existem também os momentos de celebrar vínculos, pertencimentos. Momentos reveladores daquilo que para ser algo que lhes é mais sagrado: saber que são parte de algo. É o que chamam de família, é o grupo, a coletividade.

BLIBLIOGRAFIA:

AUGE, Marc. Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, Ed. Papirus, 2008, 7ª. Ed.

BARNES, J. A. Redes Sociais e Processo Político. In: FELDMAN-BIANCO, B (org.). Antropologia das Sociedades Contemporâneas. São Paulo: Global Ed., 1987.

BRAGA, Antonio M. C. Velhos e Novos Caminhos Para a Cidade: mobilidade e redes familiares entre interior do Piauí e São Paulo, SP. II Seminário do Projeto Casadinho/CNPq Políticas Públicas, Reconversões Produtivas e Recomposições Identitárias. Campinas, (CERES) IFCH/Unicamp, 2010 (mimeo)

_____. O que é parente e a família da gente? - parentesco e família entre migrantes do sudoeste piauiense. GT 39 (Fluxos migratórios regionais e continentais: Família, Gênero, Geração e Raça.) IX Reunião de Antropologia do Mercosul, Curitiba,PR, 10 a 13 de julho de 2011. (PDF).

CARMO, Renato Miguel do. A Construção Sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 252-280.

DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. O Mundo dos Bens – Para uma Antropologia do Consumo. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2004.

DURHAM, Eunice R. A caminho da cidade, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.

GARCIA JUNIOR., Afrânio. O sul: caminho do roçado – estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero; Brasília:

Editora Universidade de Brasília: MCT: CNPq, 1989.

LANNA, Marcos. Nota sobre Marcel Mauss e O Ensaio sobre a Dádiva. Revista de Sociologia e Política. Nº 14: 173-194, junho de 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. As Estruturas Elementares de Parentesco. Pretopolis, Editora Vozes, 2009.

LOBO, Andréia de Souza. Mantendo Relações à Distância. O papel do fluxo de objetos e informações na configuração de relações familiares transnacionais em Cabo verde. In.:RIGAMONTE, Rosani Cristina.Sertanejos Contemporâneos: entre a metrópole e o sertão. São Paulo, Humanitas, FFLCH/USP:FAPESP, 2001.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac e Naify, 2003.

MENEZES, Maria Aparecida. Redes e enredos nas trilhas dos imigrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes. Rio de Janeiro: Relume-Dumara; João Pessoa: EDUFPB, 2002.

PAIVA, Odair da Cruz. Caminhos cruzados: migração e construção do Brasil moderno (1930-1950). Bauru: EDUSC, 2004. 306 p.

RIGAMONTE, Rosani Cristina.Sertanejos Contemporâneos: entre a metrópole e o sertão. São Paulo: Humanitas/FFLCH,USP:FAPESP, 2001.

RIGAMONTE, Rosani Cristina.Sertanejos Contemporâneos: entre a metrópole e o sertão. São Paulo, Humanitas, FFLCH/USP:FAPESP, 2001.

TRAJANO FILHO, Wilson. Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional. Brasília, Gráfica e Editora Athalaia, 2010.

SAHLINS, Marshall. Cultura e razão prática. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2003.

SILVA, Uvanderson Vitor da. Velhos caminhos, novos destinos: migrante nordestino na região metropolitana de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), 2009. (Arquivo PDF).

WEFFORT, Francisco Correa. Nordestinos em São Paulo. São Paulo: Cortez, 1988